CENTRO DE PESQUISAS ESTRATÉGICAS
"PAULINO SOARES DE SOUSA"
UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

A COBRA FUMOU NA ITÁLIA: os alicerces do cotidiano dos pracinhas brasileiros no front[1]

Anysio Henriques Neto
Membro do Centro de Pesquisas Estratégicas "Paulino Soares de Sousa", da UFJF.
Aluno do Curso de História do Centro de Estudos Superiores de Juiz de Fora.
Aluno do Curso de Filosofia da UFJF.
anysiohistoria@bol.com.br

Introdução:

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) mostrou-se o conflito armado mais intenso de todos os tempos. Com cifras que ultrapassam os milhões, dentre mortos e feridos, dezenas de nações estiveram envolvidas nele.

Divididos em dois blocos antagônicos, Inglaterra, França, Rússia e, mais tarde, os Estados Unidos foram os grandes líderes do grupo dos Aliados. Alemanha, Itália e posteriormente, o Japão formaram a chamada força do eixo, contudo países menores ou com menor expressão bélica tomaram parte no conflito, nem sempre por vontade própria, como é o caso dos poloneses.

[1] Este artigo orientado pela professora Patrícia Ferreira Moreno apresenta-se como forma de relatório final da pesquisa encaminhada ao centro de pesquisas do CES/JF.

O grau de intensidade e de importância destas participações variou igualmente em relação ao tipo de ações de cada país e devido à localização dos combates. Direta ou indiretamente, ambos os blocos, valeram-se de alianças ou espoliações de outras nações.

O avanço da indústria bélica, o desenvolvimento de novas táticas militares, as inovações na medicina, nos meios de comunicação, dentre outros, foram os produtos gerados por este conflito.

Concomitante a esses avanços, inúmeros problemas são decorrentes desta mesma guerra. A situação dos judeus que sobreviveram aos campos de concentração, os cidadãos que tiveram suas casas e famílias destruídas e até mesmo a reintegração dos veteranos de guerra nos seus países de origem. Se esses problemas econômicos, políticos e sociais surgiram com o fim da guerra, com a história não poderia ser diferente.

Os vários estudos realizados sobre o conflito não foram suficientes para elucidar a participação de minorias ou de países com menor expressão militar. Os estudos referentes a grupos minoritários, tal como a resistência francesa, a resistência nos campos de concentração ou de prisioneiros, restringem-se, majoritariamente, aos países europeus. Dessa forma, a participação brasileira na guerra encontra-se resumidamente estudada e amplamente esquecida pela História e seus profissionais. Segundo Ferraz

> A história da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, mais especificamente a experiência da Força Expedicionária Brasileira (doravante, FEB), dos homens e mulheres que a compuseram, é um dos tópicos mais desprezados e esquecidos nas escolas e às vezes até mesmo pela memória popular (2003, p.03).

Em nota explicativa, o autor esclarece os motivos que levaram os historiadores a ignorarem esses episódios.

Se hoje podemos contar com estudos sérios e criteriosos sobre o tema, isso se deve tão somente ao esforço de poucos profissionais que se arriscam em tentar investigar esse passado não tão distante. Assim temos historiadores como Antonio Pedro Tota, Francisco César Ferraz, Luis Felipe da Silva Neves e jornalistas como William Waack, Rubem Braga, Joel Silveira e outros.

A tarefa de investigar a participação brasileira na guerra mostrou-se intrigante e bastante desafiadora. Intrigante porque, a partir da investigação sobre as fontes, pôde-se perceber que existem documentos ainda inexplorados e alguns outros de difícil acesso, como é o caso da documentação oficial do exército norte americano e alemão, analisados por Waack. O desafio de investigar esse tema repousa na consolidada versão oficial de que a participação brasileira na guerra encontra-se reduzida à conquista de um alvo militar, o famoso Monte Castelo, em 21 de fevereiro de 1945.

Diante disso, os febianistas[2] têm ainda um longo caminho a percorrer a fim de se construir uma versão séria e crítica sobre a participação brasileira no conflito que mobilizou todo o mundo. Visão essa que reconheça o papel do sujeito enquanto agente histórico e que se valha de métodos e fontes para a formulação de suas afirmações. Esse artigo faz parte da conclusão de uma pesquisa iniciada no início do ano de 2006. Daí o caráter afirmativo das questões por nós abordadas durante o presente texto.

Cientes de que numa guerra os homens e mulheres, civis e militares, por ela afetados, vivenciam muito mais do que bombas, morte e destruição, tentou-se avaliar elementos do cotidiano destes expedicionários por isso, evitando que o trabalho se resumisse a uma apresentação de minúcias e curiosidades do contexto, decidimos destacar três pontos balizares deste cotidiano: a religiosidade, o medo da morte e o sentimento familiar.

Partindo destas temáticas, foi possível perceber que, além de complexo e inexplorado, o cotidiano destes militares revelou aspectos ainda presentes na formação do povo brasileiro, portanto o resultado final desta pesquisa revela apenas o início de um tema que deve ser amplamente investigado e revisto, por nele estarem contidas questões fundamentais para se entender a participação brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Além do tripé temático que norteou nosso trabalho, outras questões foram levadas em conta, pois são elas as componentes do tema central. Assim, foi preciso entender como se deu a formação deste cotidiano, como os brasileiros foram afetados pelos costumes norte americanos e também de que forma, numa instituição hierarquizada como o exército, em tempos de guerra, os soldados preservaram sua individualidade.

---

[2] Entende-se por febianista aqueles que se dedicam a pesquisar temas sobre a Força Expedicionária Brasileira – FEB.

Fontes:

A apresentação das fontes utilizadas nesta pesquisa é imprescindível para melhor explicar nossos objetivos, dão, faz se mister descrever não só o tipo, mas o conteúdo oriundo das mesmas. A apresentação das fontes é necessária, pois não ignoramos qualquer tipo de fonte referente ao tema e sim o que se pode ou não fazer dela.

Quando do mapeamento de fontes sobre o tema, encontram-se livros de autores especializados em assuntos militares, principalmente os publicados pela editora do Exército, a Bibliex. Assim, dispomos de um vasto acervo produzido por correspondentes e ex-combatentes. Além da bibliografia tradicional, existem estudos acadêmicos, dissertações, artigos e teses, que serviram de fonte de informação para a pesquisa. Descobrimos também documentos primários, como correspondência trocada entre expedicionários e seus familiares, jornais da época e pertences pessoais dos que lutaram na guerra.

Em posse de parte deste acervo pretendeu-se extrair as informações referentes ao tema abordado, dando ênfase às pesquisas acadêmicas como parâmetro de comparação e de comprovação de informações, dados e fatos. Dos livros referentes à FEB, cujos autores são, em sua maioria, veteranos ou estiveram ligados à FEB, foi possível conhecer os temas propostos e também informações referentes a eles. Por fim, repousam nos documentos primários o cerne deste estudo, isto porque é a partir deles que nos foi possível comprovar ou não as hipóteses propostas.

Os depoimentos usados estão condensados nos volumes da coleção de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial. Foram feitas entrevistas com ex-combatentes da Associação de Veteranos de Juiz de Fora, cujas informações obtidas contemplam tão somente veteranos do 11º RI, oriundos de São João Del Rei, por conseguinte, optou-se pela coleção, por nela estarem contidas entrevistas feitas com veteranos de todo o Brasil, contemplando, assim, na sua totalidade os regimentos componentes da FEB.

O artigo se apresentará da seguinte forma: os três temas centrais serão abordados conjuntamente, isto acontece pelo fato de existir uma ligação muito forte entre eles. Optamos por uma abordagem que os relacione com suas respectivas fontes. Resguardamos

à conclusão o momento de relacionar os dados provenientes da análise dos eixos temáticos através dos quais formularmos as respostas para os problemas ressaltados.

A criação da FEB:

Os reflexos da guerra na Europa, declarada oficialmente em 1º de setembro de 1939, afetaram as demais regiões do globo, resultando no torpedeamento de navios mercantes brasileiros, em fevereiro de 1942. Segundo Carvalho "os ataques dos submarinos alemães do Eixo resultaram no afundamento de 35 navios mercantes brasileiros, [...] e na perda de 972 vidas (2005, p.18)". O resultado destas agressões culminou com manifestações populares, lideradas pela UNE.

A isso se deveu o firmamento do contrato de financiamento da CSN, no ano anterior (1941) e ao rompimento de relações diplomáticas com os países do eixo em 1942. Em resposta à agressão, Getúlio Vargas põe fim a sua política pendular e "em 22 de agosto de 1942 [...] após uma reunião com seu ministério, declarou estado de beligerância contra o Eixo (FERRAZ, 2005, p.08)".

Em decorrência do rompimento com a Alemanha, foi decidido que o Brasil participaria da guerra, com o envio de uma força expedicionária. Dessa forma, criou-se, em 11 de agosto de 1943, a Força Expedicionária Brasileira. Sob a condição de subordinados ao V exército norte americano, foi decidido que os brasileiros receberiam treinamento, equipamentos dos mesmos e, feito isso, iriam para o norte da África para passarem por um novo processo de treinamento.

Após uma mudança de planos, foi vetado o curso de guerra no continente africano e, em 16 de julho de 1944, o 1º escalão com mais de 5 mil soldados brasileiros desembarcou no porto italiano de Nápoles. Além deste, mais 4 escalões seriam enviados à Itália, somando um total de 25.334 soldados até fins de fevereiro de 1945.

Dentre os expedicionários, encontravam-se, além de militares de carreira, civis recrutados, voluntários, funcionários do Banco do Brasil, Médicos, Capelães, Jornalistas e enfermeiras. Todos esses homens e mulheres se dispuseram a defender os interesses da nação e combater o nazismo em outro país, trazendo consigo apenas lembranças de familiares, amigos e a vontade de vencerem a guerra.

Durante “exatamente sete meses e dezenove dias foi quanto durou a guerra da FEB (SILVEIRA, 1976, p.07)” e durante esse tempo, os expedicionários tiveram de confrontar-se com situações inéditas a todos. Entre vitórias e derrotas, esses brasileiros inauguravam uma nova página da história do país, contribuindo cada um com seu esforço para a vitória das forças Aliadas.

Os brasileiros e a guerra na Itália:

Deslocados até o sul da Itália, os brasileiros depararam com um cenário incomum e desagradável. A cena da chegada no porto napolitano marcou de tal forma os brasileiros que puderam perceber o que significava a guerra.

> O porto era uma visão apocalíptica, dantesca, mas, por incrível que pareça, ao mesmo tempo, extraordinariamente bela. Por um lado, em terra, ruínas, destruição, provocadas pelos bombardeios. No mar, navios seminaufragados, semidestruídos, incendiados, adernados, grandes mastros fora d’água, espetando o ar (VIOTTI, 1998, p.52).

O estranhamento não se deu somente pelo fato da guerra, mas também por se tratar de um novo clima e outra cultura.

No acordo feito entre os Estados Unidos e o Brasil, estava previsto o fornecimento de equipamentos novos ao exército brasileiro todavia o acordo não foi cumprido por parte dos norte americanos como o previsto. Desprovidos de armas e uniformes de inverno, os brasileiros desembarcaram em Nápoles sem condições reais de entrar em combate. Isso os obrigou a uma série de exercícios de ordem unida, marchas e nenhuma ação militar de fato.

Por sua vez, tendo suas cidades destruídas, os italianos passavam por uma situação de fome e miséria, em decorrência do conflito. Assim, inúmeras saídas foram encontradas para amenizar as perdas e, na esperança de que a guerra acabasse o mais rápido possível, práticas peculiares e nada convencionais foram assumidas pelos civis.

Muitos passaram à humilhante condição de pedintes, uma vez que suas casas e empregos estavam perdidos, já outros prestavam inúmeros serviços nos acampamentos militares dos aliados, como o de lavanderia, por exemplo. Em entrevista ao projeto de

História Oral do Exército, o ex-combatente Abdias de Souza lembra como se deu a troca de serviços por comida

> Não se podia dar nada de graça. A filosofia era pagar. Aí vinham aquelas mulheres lavar roupa. Recebiam um crachá para entrar e vinham mostrando e passando pelos sentinelas até chegar ao acampamento, a uma barraca, para pegar uma gandola e uma calça para lavar. Elas levavam até a cantina e tiravam o alimento para suas famílias. Levavam macarrão, chocolate, até toalhas de banho para fazer vestido. Depois traziam a roupa passada e iam entregar, sempre escoltadas (MOTTA, 2001, p. 190).

A situação por ele narrada exemplifica a condição à qual os civis tiveram de se sujeitar para conseguir alimentos, mesmo quando as cidades já haviam sido libertadas do jugo nazista.

Todas essas atividades tinham uma mesma finalidade, a sobrevivência. Foi assim que muitas italianas entregaram-se à prostituição como forma complementar de alimentação e seus filhos serviam de mensageiros no cotidiano social perturbado pela guerra. Em meio a tanta miséria e caos, os italianos puderam contar com a solidariedade e o respeito de soldados aliados, em especial dos soldados brasileiros.

Apesar de terem chegado à Itália com um objetivo, vencer a guerra, os brasileiros logo se sensibilizaram com a guerra enfrentada pelos civis italianos. Em decorrência dessa relação entre brasileiros e italianos, criou-se um clima amistoso para com os expedicionários. Isto porque estes deixaram de ser simplesmente militares e passaram a ser considerados amigos do povo italiano. Hoje a marca indelével do respeito e do carinho aos brasileiros pode ser vista e medida pelos inúmeros monumentos dedicados à ação da FEB durante a campanha na Itália e pelo tom dos comentários feitos por italianos que sobreviveram à guerra.

As mudanças provocadas pela guerra afetaram também a alimentação dos soldados, que tiveram de se adequar ao padrão das rações norte americanas mas, contentes ou não com o novo cardápio, o fato foi que o governo brasileiro teve de intervir com uma complementação alimentar. Com a medida, os soldados poderiam ficar com a ração do tipo B "já que seriam reforçadas por 160 gramas de arroz e feijão e 150 de mandioca diariamente, por cabeça, trazidas do Brasil (WAACK, 1985, p.30)".

Religiosidade, Morte e Família:

A Itália e o Brasil, durante as décadas de 1930 e 40, mostraram-se países predominantemente cristãos. Divididos em católicos e protestantes, tanto civis italianos como os soldados da FEB, demonstraram, de diversas formas, o apego às suas crenças religiosas. A presença de capelães e símbolos religiosos são os indícios materiais que revelam o culto religioso e a importância a que lhe foi atribuída. No campo religioso, alguns nomes ganharam destaque durante a guerra como: "André Camurça, Archimedes Bruno, Irineu Lima Verde ou José Sinval Façanha (HENRIQUES NETO, 2006, p.15 apud Diário Mercantil; 25/07/1944)". Estes homens, ligados ao sacerdócio, cientes do valor e da necessidade da religião na vida e no cotidiano dos brasileiros, foram voluntários. Constatamos também uma presença freqüente de comentários acerca da religiosidade nos depoimentos analisados na coleção de História Oral do Exército já citada.

A sociedade civil também se conscientizou da necessidade de exercer e compartilhar a espiritualidade entre os combatentes. Resultado disso, o jornal Diário Mercantil noticiou que "chegaram de Porto Alegre dois altares portáreis feitos pelos associados do Círculo Operário Porto Alegrense, para a celebração dos serviços religiosos nas frentes de batalha"[3]. Iniciativas como essas demonstram a importância dos serviços, até então, inexistentes no exército brasileiro.

A fé da qual usufruíam, ajudou-os a conviver com a morte de inimigos, companheiros e de civis inocentes, mantendo-se assim assegurados de que nada de mal poderia lhes acontecer, pois estavam amparados pela vontade divina.Cientes da condição em que se encontravam, a própria morte foi um pensamento e uma possibilidade que, constantemente, aterrorizava os brasileiros, mas o exercício de fé os ajudou a superar a angústia de morrer numa guerra fora do país e longe de casa. A essa trágica situação muitos brasileiros foram acometidos em função do contexto da guerra e os que sobreviveram atribuem essa graça também, à vontade de Deus.

O catolicismo, de maneira geral, tornou-se um fator de ligação entre civis italianos e militares que, em sua maioria, eram católicos. Daí a celebração de missas campais para os militares que deixariam a retaguarda e celebrações mistas com civis e até mesmo com a participação de padres italianos quando lhes era propícia a oportunidade.

[3] Diário Mercantil; 23/08/1944

O conforto trazido pelo exercício da fé atenuava a dura realidade da guerra e satisfazia uma necessidade já presente nos soldados antes da chegada à Itália, em decorrência disso, antes de irem para o *front*, eles dispunham de missas e celebrações religiosas. Tal fato é relembrado pelo ex-combatente Silas de Aguiar Munguba que, ciente da impossibilidade da realização dos serviços religiosos no *front*, afirma "Mas, antes de entrar em combate, havia sempre um jeito de recebê-la. Os capelães, padre e o evangélico, faziam reuniões conosco, antes de irmos para a linha de frente, ainda no acampamento (MOTTA, 2001, p.98)". Por se considerar muito religioso, Silas reconhece que essas reuniões lhe eram vitais e assim como ele, outros combatentes reafirmam o propósito e a importância de tais momentos.

Dentre as preces feitas pelos pracinhas, a volta para casa mostrou-se bastante recorrente quando da realização das mesmas e nas cartas enviadas às famílias, onde se encontraram claramente o pedido e a esperança da proteção divina.

A esperança do fim da guerra era acompanhada pelo sentimento de volta ao lar, presente também no hino do expedicionário "Por mais terras que eu percorra, não permita Deus que eu morra, sem que volte para lá [...]" . O trecho do hino traduz uma necessidade presente em todos os depoimentos e comentários acerca do tema. Percebeu-se que a volta para a casa significava mais do que a volta à pátria, como é referida no hino, mas principalmente aos familiares e amigos.

A distância do Brasil, de seus entes queridos e de seus familiares, foi um fator de extrema relevância para os expedicionários. Não só o medo de não revê-los, mas também a ausência do convívio social tão importante para esses homens e mulheres fez com que houvesse uma interação entre os que permaneceram no país e os que foram deslocados dele.

Para amenizar essa situação, além dos pedidos de proteção a Deus, o apoio por cartas, telegramas e envio de produtos, foi de fundamental importância para os militares que atuavam na guerra. Por questões de segurança, o exército estipulou os produtos autorizados a serem enviados. São eles

> [...] chocolate, café, mate, doces secos, biscoitos, cigarros, fumo, desfiado ou em rolo, sabonetes, escovas, pasta de dente, lâmina e

> pincel para barba, roupa não usadas, pequenas peças de uso pessoal, estampas, imagens religiosas, retratos e artigos de ótica.[4]

O recebimento de tais artigos representava mais do que a aquisição de novos artefatos, pois estes significavam uma forma de apreço e carinho pelos combatentes.

De posse de algumas cartas, pudemos identificar a presença marcante da religiosidade e o apego ao sentimento familiar presentes nesses homens, que se dispuseram a enfrentar uma guerra em prol da humanidade. Analisados sob o ponto de vista histórico, essas cartas mostraram ser de grande valia para essa pesquisa, por nelas estarem condensados sentimentos e preocupações que compunham o cotidiano destes militares no entanto as referidas cartas constam no livro Cartas do *Front*, de Andrew Carrol. Devido ao número escasso de missivas, não podemos tirar conclusões generalistas.

Quanto ao impacto das cartas e telegramas, percebeu-se uma relação dúbia, isto porque, apesar de demoradas e censuradas, as cartas tiveram um significado muito mais importante do que os telegramas, considerados frios e pouco estimulantes. A isso se deve o fato de não ser possível construir frases complexas nos telegramas, restringindo-se apenas a uma combinação de números, a partir da qual se obtinham frases simples.

Em uma de suas crônicas de guerra, Braga salienta a importância das mesmas para os combatentes

> Chegou o correio é uma frase que mobiliza mais gente que qualquer ordem de general aliado ou inimigo. A cara do sujeito que não recebe carta nesse dia é uma cara de náufrago. - E completa ao final do texto – De qualquer modo, o que é importante é telegrafar e escrever carta. Escrevam, telegrafem, meus senhores e – muito especialmente - minhas senhoras! [...] Isso é que é o que interessa. Isso é o vital para estes milhares de homens que estão aqui. Cartas enormes, cheias de coisas, cheias de bobagens sem importância – isso é que é importante, isso é que ajuda a fazer a guerra. Escrevam! (1996, p.61-62).

Mesmo o texto sendo dirigido a jornais brasileiros, o apelo feito pelo correspondente foi comprovado em documentos, depoimentos, diários e livros. De fato as cartas serviam para levantar o moral dos homens, daí a preocupação por parte dos oficiais do Estado Maior em saber se os soldados estavam ou não recebendo cartas. Isso nos leva a um acontecimento narrado pelo médico Alípio Corrêa Neto, em que ao receber a visita do

[4] Diário Mercantil; 20/07/1944.

comandante da FEB, o general João Batista Mascarenhas de Moraes, pode presenciar tal preocupação. Inquirindo os praças e oficiais do hospital acerca do recebimento de cartas, procedeu-se o seguinte acontecimento.

> - José, você tem recebido carta ultimamente?
> - Não senhor, meu general.
> - Há quanto tempo não recebe uma carta?
> - Há oito anos sim senhor ...
> - Como há oito anos se você, no máximo, está na guerra há quatro meses?
> - É que também em São Paulo eu não recebia, meu general. (1983, p.49)

Apesar de cômica, a situação realmente foi um fator de preocupação para o alto escalão militar.

Coincidência ou não, temos também a existência de uma instituição chamada de Madrinhas de Guerra, criada pela esposa do presidente Vargas (Almeida, 1985, p. 127). As madrinhas eram mulheres que se prontificavam a manter troca de correspondência com os combatentes, sem possuir nenhum tipo de vínculo com eles. Em certa medida, as cartas eram recebidas com igual fervor por parte dos soldados.

Pela falta de seriedade por parte de historiadores e de órgãos de fomento à pesquisa, esses documentos estão perdidos nas mãos de familiares e de veteranos. Por desconsiderarem o material como documento, os conservam apenas como lembranças de sua passagem pela guerra, por isso, a procura, catalogação e conservação deste material deve ser entendida como uma ferramenta para se preservar esse passado histórico do qual estes brasileiros fizeram parte.A troca de correspondências com familiares, amigos ou madrinhas, supria a necessidade da vivência social e de um cotidiano sem guerra.

Em comentário sobre as cartas, o historiados Arthur Ituassu propõe que em tempos de guerra

> As cartas de amor são um caso à parte no *front*. A distancia, a realidade ingrata e a privacidade da escrita transformam textos simples em confissões absolutamente verdadeiras, palavras sinceras tornam-se representações na busca de um sentido para a vida, quando tudo ao redor são escombros (2005, p.407).

Não só as cartas de amor, mas as cartas em geral foram de vital importância para os combatentes, pois lhes traziam lembranças e lhes incitavam desejos. Tais sentimentos,

envoltos ao contexto de morte e destruição, serviram de anestésico para os soldados que se sentiam por alguns instantes fora da guerra.

Em meio aos combates e à situação em que se encontravam, a iminência de morte era um sentimento comum a todos, inclusive aos tedescos[5]. Tal sentimento esteve presente nas orações, nas cartas e principalmente em suas mentes, mesmo quando estavam fora de combate. Dos três temas abordados, o mais melindroso é o que se refere à morte.

As citações em relação a ela são feitas com cautela e de maneira tímida pelos ex-combatentes, ainda que em referência à baixa de amigos ou inimigos. Em seu diário, o ex-combatente Joaquim Xavier da Silveira demonstra de que maneira os soldados se referiam a ela "O verbo, aliás, era "sobrar", pois não se falava em morte. Nunca tocávamos em morte nas nossas conversas e quase nunca mencionávamos o nome dos que tinham sobrado (1997, p.57)".

Oficialmente o que pode ser encontrado sobre a morte, em forma de documentos do exército, são os boletins ambulatoriais que atestam com frieza a situação. Como em "(Recebido às 16:25 de 3. 12. 1944. Pulso e batimento cardíacos imperceptíveis. Respiração superficial ocasional. Recebeu respiração artificial, inalação de oxigênio, adrenalina intracardíaca (2cc). Morreu às 16:40) (CORRÊA, 1983, p. 51)". Felizmente esse caso narrado pelo médico Alípio em seu livro, consta de um praça que sobreviveu, mesmo depois de ter sido dado como morto, mas, em geral, os que não tiveram a mesma sorte além de aumentarem as estatísticas passavam pelo mesmo procedimento.

Para superar essa situação angustiante e estafante de poder morrer a qualquer momento e de formas horríveis, os soldados buscavam ajuda em suas orações, no apoio encontrado nos amigos de armas e nas cartas vindas do Brasil. As saídas auxiliaram esses combatentes a superar o medo de morrer e lhes deu força para continuar o combate.

Conclusão:

A partir das investigações feitas sobre o cotidiano dos expedicionários da FEB, pudemos perceber que além de complexo e inexplorado, ele oculta inúmeras questões posteriores ao fim da guerra. Não só pela ausência ou inacessibilidade de fontes e

[5] Tedesco é uma forma de se referir aos soldados alemães.

bibliografia histórica cientificamente respaldada, mas deparamos também com uma tarefa muito maior, revisar a historiografia existente sobre a participação brasileira na guerra.

Além do descaso com que foram tratados os expedicionários durante a volta para o Brasil, por parte do governo e da sociedade, construiu-se uma versão romanceada da participação brasileira. Essa versão só fez enaltecer o brilhantismo dos oficiais e a idéia construída a partir dos documentos militares do exército norte americano, que dão a entender que a participação da FEB não passou de um pequeno contingente militar sem maior expressão e que os soldados brasileiros padeciam de inúmeras carências e indisciplina.

No estudo apresentado pretendeu-se esclarecer sob um novo ponto de vista o papel desempenhado pelos soldados brasileiros durante a guerra. A ausência de citações referentes a derrotas e conquistas de alvos militares pode ser facilmente encontrada em livros editados nas décadas de 1960, 70 e 80 pela editora do exército, a Bibliex. Não há de forma alguma desprestígio ou menosprezo por esses estudos, pois reconhecemos sua importância.

Mas se é de nosso interesse preservar o passado histórico vivido por esses sujeitos históricos, faz-se mister a investigação de novos campos e novas fontes sobre o ocorrido. Caso contrário, a presença brasileira na Segunda Guerra Mundial reduzir-se-á à tomada de Monte Castelo, o objetivo militar de maior expressão da campanha brasileira. E é, por isso, que propusemos o estudo de formas alternativas e não oficiais da presença brasileira na guerra.

Por fim, os três temas abordados não resumem por completo o cotidiano vivido pela FEB na Itália e sim apenas o começo de uma busca que abre caminhos para a análise de novas categorias. Como já foi dito, a ausência de fontes acerca destas obrigou-nos a limitarmos as análises feitas na presente pesquisa. Entendemos também que, a partir deste estudo, pudemos investigar elementos subjetivos ainda inexplorados, que tiveram suma importância para estes homens e mulheres.

Não nos resta dúvida de que o cotidiano dos pracinhas além de complexo e inexplorado, resguarda elementos ainda desconhecidos. Podemos ressaltar que em decorrência da distância da família e o contexto no qual se encontravam - o medo da morte - fez florescer no consciente coletivo e individual destes soldados um apego à religiosidade

já presente. Daí, é a partir destes três eixos que pôde ser construído um aparato psicológico o qual garantiu a coragem, em momentos de medo e a sanidade na situação em que se encontravam.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Adhemar Rivermar de. **Montese: marco glorioso de uma trajetória**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1985.

BRAGA, Rubem. **Crônicas da guerra na Itália**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1996.

CARVALHO, L. P. Macedo. Força Expedicionária Brasileira: 60 anos. **Verde Oliva**, Brasília, ano 22, n.185 p. 16-21, jul/ago/set. 2005.

CORRÊA, Alípio Neto. **Notas de um médico expedicionário médico**. São Paulo: Almed, 1983.

FERRAZ, Francisco César. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HENRIQUES NETO, Anysio. A cobra fumou na Itália: o cotidiano dos pracinhas brasileiros no *front*. **Centro de Pesquisas Estratégicas "Paulino Soares de Sousa"**, Juiz de Fora, disponível em <http:www.defesa.ufjf.br> acesso em 15/12/2007.

ITUASSU, Arthur. Cartas do *front* Brasileiro. In: CARROLL, Andrew. **Cartas do *Front***. Rio De Janeiro: Zahar, 2007.

MOTTA, Aricildes de Moraes. **História Oral do Exército Brasileiro na Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Bibliex, Tomo 2, 2001.

SILVEIRA, Joaquim Xavier. **Cruzes Brancas: diário de um pracinha**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1997.

SILVEIRA, Joel. **O Brasil na 2º Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1976.

VIOTTI, Cássio Abranches. **Crônicas de Guerra: a força expedicionária brasileira na Itália.** S/ed, 1998.

WAACK, William. **As duas faces da glória**. 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.